

EXPOSIÇÃO VIRTUAL – FILATELIA ANANIAS

FILATELISTA: LICÍNIO DE SOUSA E SILVA FILHO

TÍTULO COLEÇÃO: BRASIL COLÔNIA EM SELOS

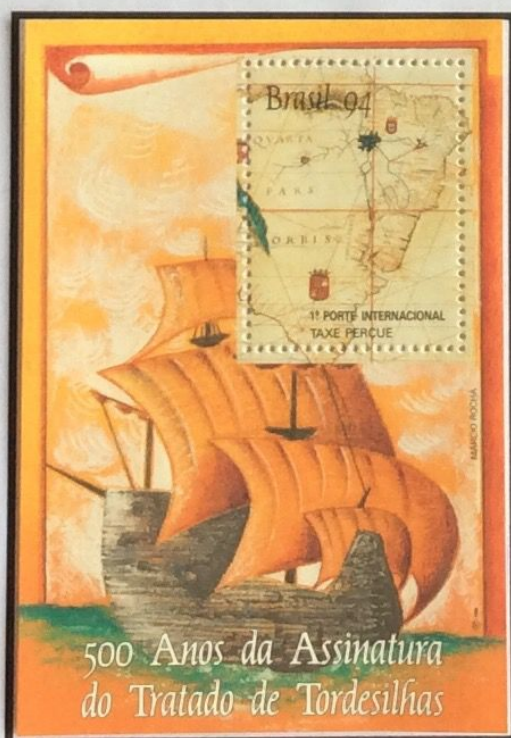
Esta coleção tem como tema selos que fazem referência a eventos relacionados ao período colonial brasileiro (1500-1822). Nesse sentido, a coleção contempla, também, selos que evocam a expansão marítima portuguesa, iniciada nas primeiras décadas do século XV, em especial, aqueles que retratam a chegada da expedição de Pedro Álvares Cabral às terras brasileiras. A maior parte do acervo é composta por selos brasileiros, mas, também, selos portugueses.

A AVENTURA MARÍTIMA LUSITANA

A cartografia do período da expansão marítima europeia, em princípios da Idade Moderna (séc. XV-XVIII) está presente na filatelia. A produção cartográfica foi de suma importância para o avanço marítimo português em direção às Índias e sua chegada às Américas. A este respeito, Janaína Amado e Luiz Carlos Figueiredo – historiadores – afirmam:

“(...) a cartografia teve papel importante, pois lhe coube mapear a nova cosmologia, constituída à medida em que ocorria em termos físicos e mentais o “alargamento do mundo”, representando-o graficamente. O conjunto de mapas do período registra o privilegiado e fascinante momento histórico desse esforço, quando na Europa ciência, religião, filosofia, magia e geografia se fundiram, se opuseram e se completaram para dominar física e intelectualmente o imprevisível, o novo e o desconhecido, e transformá-lo em aliado na luta pela riqueza e poder”.

AMADO, Janaína; FIGUEIREDO, Luiz Carlos. No tempo das caravelas. Goiânia: CEGRAF-UFG/São Paulo: Contexto, p.60, 1992.



Em 1972, foi realizada na cidade do Rio de Janeiro, entre os dias 26 de agosto a 2 de setembro daquele ano, a “4ª Exposição Interamericana de Filatelia” (EXFILBRA – 72). A Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos elegeu três mapas antigos, do período da expansão marítima portuguesa, como temas filatélicos comemorativos ao evento.



Descrição:

- Parte superior: da esquerda para a direita: “Carta do Brasil, de Diogo Homem, 1568”, mapa da América, de Nicolau Visscher.
- Parte inferior: Mapa-Mundi, de Lopo Homem, 1519.

O PROCESSO DE COLONIZAÇÃO

“Preocupado com a possibilidade real de invasão do Brasil por outras nações (holandeses, ingleses e franceses), o rei de Portugal Dom João III, que ficou conhecido como “o Colonizador”, resolveu enviar ao Brasil, em 1530, a primeira expedição com o objetivo de colonizar o litoral brasileiro. Povoando, protegendo e desenvolvendo a colônia, seria mais difícil de perdê-la para outros países. Assim chegou ao Brasil a expedição chefiada por Martim Afonso de Sousa com as funções de estabelecer núcleos de povoamento no litoral, explorar metais preciosos e proteger o território de invasores. Teve início assim a efetiva colonização do Brasil.”

Fonte: https://www.historiadobrasil.net/resumos/colonizacao_brasil.htm,
acessado em 3/mai./2019.

IV CENTENÁRIO DA COLONIZAÇÃO DO BRASIL (1532-1932)



IV CENTENÁRIO DE SÃO PAULO (1554-1954)



IV CENTENÁRIO DO RIO DE JANEIRO (1565-1965)



**400 ANOS DA FUNDAÇÃO DE SÃO VICENTE
(1582-1982)**



**IV CENTENÁRIO DO ESTADO DA PARAÍBA
(1585-1985)**



**IV CENTENÁRIO DA CIDADE DE RECIFE
(1587-1987)**



**400 ANOS DA COLONIZAÇÃO DE SERGIPE
E FUNDAÇÃO DE SÃO CRISTÓVÃO
(1590-1990)**



FORTIFICAÇÕES BRASILEIRAS DO PERÍODO COLONIAL

A constante presença de contrabandistas, piratas, corsários e expedições invasoras levou a coroa portuguesa a erguer fortificações ao longo do vasto litoral brasileiro. Em 1975, a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos lançou a série "Fortalezas Coloniais".



TRAJES E UNIFORMES MILITARES



PRESENÇA HOLANDESA NO BRASIL COLÔNIA (1630-1654)

No decorrer do século XVI, Portugal tinha como principal parceiro, no processo de colonização e implantação da plantation açucareira, principalmente, no litoral nordestino, os holandeses, também chamados de flamengos. Cabia a eles o financiamento da montagem das unidades produtivas – os engenhos - aquisição de mão de obra escrava africana, além de distribuírem o açúcar colonial na Europa.

Essa parceria foi rompida quando, após a morte do rei de Portugal, D. Sebastião, em 1578, na batalha de Alcácer-Quibir, onde hoje localiza-se o Marrocos, em luta contra os árabes. Como não deixou sucessor, o trono português foi ocupado pelo seu tio-avô, o cardeal Dom Henrique, que veio a falecer em 1580, pondo fim à dinastia de Avis iniciada em 1385, com a ascensão de D. João I, mestre de Avis.

Após invadir Portugal, Felipe II, rei de Espanha, assumiu o trono português dando início a um período histórico denominado “União Ibérica (1580-1640). Os atritos entre holandeses e espanhóis no continente europeu logo se refletiu no Brasil colônia. Impedidos de continuarem participando do comércio do açúcar, tentaram por duas vezes invadir o nordeste brasileiro, primeiro em 1624, quando tentaram invadir Salvador, então capital da colônia; depois fizeram nova investida invadindo Pernambuco em 1630 permanecendo ali até 1654. A filatelia brasileira registrou este momento.



A PRIMEIRA SINAGOGA DAS AMÉRICAS

Em janeiro de 2000, ao iniciar a reforma de sua loja de materiais elétricos, um comerciante de Recife não imaginou que estava prestes a descobrir um local que, três séculos antes, era sagrado para milhares de judeus.

Em meio às obras, o dono da venda encontrou vestígios de uma construção desconhecida e chamou um especialista, que logo descobriu que pertenciam à primeira sinagoga das Américas.

Erguida em 1636, durante a ocupação holandesa em Pernambuco, a sinagoga Kahal Zur Israel foi construída por um rabino europeu, que veio especialmente de Amsterdã para tocar o projeto. A sinagoga, que celebrou cultos religiosos até 1654, representa uma época de tolerância religiosa, quando católicos e judeus conviviam pacificamente na região (após a retomada da região por Portugal, os judeus foram obrigados a se converter para o catolicismo ou deixar a região).

Fonte: <https://brasilimperdivel.tur.br/primeira-sinagoga-das-americas/>,
acessado em 10/maio/2019



RESISTÊNCIA À PRESENÇA HOLANDESA

A luta contra os holandeses no Nordeste brasileiro foi iniciada pelos próprios senhores de engenho da região e durou cerca de dez anos. Sob iniciativa dos senhores, os colonos da região foram mobilizados e travaram várias batalhas contra os holandeses. As mais importantes foram a de Guararapes e Campina de Taborda.

Mas a expulsão definitiva dos holandeses teve início em junho de 1645, em Pernambuco, através da eclosão de uma insurreição popular liderada pelo paraibano André Vidal de Negreiros, pelo senhor de engenho João Fernandes Vieira, pelo índio Felipe Camarão e pelo negro Henrique Dias. A chamada Insurreição Pernambucana chegou ao fim em 1654, tendo libertado o Nordeste brasileiro do domínio holandês.



A ARTE BARROCA MINEIRA

A arte barroca também se faz presente em peças filatélicas produzidas no Brasil. A respeito do processo histórico em que se manifesta a arte barroca em Minas a historiadora Maria Conceição Rezende afirma:

“O descobrimento do ouro em Minas Gerais só ocorreu nas últimas décadas do século XVII; a fase áurea foi a dos setecentos simultaneamente ao esplendor das manifestações de seu barroco artístico que, outrossim, foram amplamente projetadas no século XIX porque a dinâmica da cultura e das artes ultrapassou o início da fase de declínio da mineração atingindo o século seguinte.

Em toda essa época, o barroco, em sua irradiante opulência, não se limitou ao plano plástico e atingiu a literatura, a música, a política; além de manifestação artística com suas características próprias, a sua difusão foi tão ampla que se convencionou chamar “Barroco Mineiro” a um estilo de vida, abrangendo todas as atividades socio-culturais. Se antes a expressão era pejorativa porque se opunha ao rigor clássico, em terra mineira, ela foi valorizada pelo fato indiscutível de representar uma civilização magnífica que floresceu ao brilho do ouro que brotava de terra dadivosa. (...)”

REZENDE, Maria Conceição. A música na história de Minas colonial. Belo Horizonte: Itatiaia; Brasília, DF: INL, p. 371, 1989.



PITANGUI: A SÉTIMA VILA DO OURO

“Pitangui, uma de nossas primeiras vilas do ouro, teve início mais ou menos semelhante aos demais arraiais auríferos, elevados à categoria de vila. Os primeiros paulistas que construíram o arraial, gente atrevida, valente, destemida, possuindo aquela que caracteriza os homens que desbravam nosso sertão, deram ao arraial entretanto, uma particularidade que o distinguia dos demais: isolaram-se em Pitangui e não permitiam que os naturais do Reino lhes invadissem as minas. Esses paulistas haviam sofrido, antes, duramente a prepotência dos emboabas. E tendo encontrado ouro em abundância, não desejavam, muito naturalmente, que aí se repetissem os sangrentos episódios dos emboabas.”

Com relação à criação da Vila de Pitangui, nenhum documento se conhece, nos arquivos de Minas, a não ser a carta de D. Braz Baltazar, datada da primeira capital de Minas – Ribeirão do Carmo (hoje Mariana), de 06 de fevereiro de 1715: “Representando-me segunda vez os paulistas a necessidade que tinham de que o arraial de Pitangui fosse erigido em vila, não só para o bom regime daqueles moradores...parece conveniente que Vm. Vá fazer a dirá ereção (...)”.

“Em 9 de junho de 1715, com ordem do governador e capitão-general, e comissão do ouvidor geral, Luiz Botelho de Queirós, levantou a vila no distrito de Pitangui, dando-lhe o nome de Vila de Nossa Senhora da Piedade de Pitangui (...)”.

REZENDE, Maria Conceição. A música na história de Minas colonial. Belo Horizonte: Itatiaia; Brasília, DF: INL, p. 91, 336, 1989.



MOEDAS DO PERÍODO COLONIAL

Em 1977, a Empresa Brasileira de Correio e Telégrafos lançou a série “Moedas do Brasil Colonial”. A série contempla três tipos de moedas:

DOBRÃO

O Dobrão foi uma moeda portuguesa/brasileira que circulou durante o reinado de Dom João V (1707-1750) e é considerada a maior moeda de valor intrínseco já tendo circulado no mundo.

O Dobrão foi cunhado inicialmente pela casa da moeda de Vila Rica de Minas Gerais entre 1724 e 1727. Pesando 53,8 gramas (quinze oitavas) de ouro, circulou principalmente em Portugal e Inglaterra.

Essa moeda carregava no cunho de averso o valor de 20.000 réis, embora seu valor real pudesse chegar a 24.000 réis, um quarto do preço equivalente a uma escrava jovem.

Fonte: <https://collectgram.com/blog/20000-reis-o-dobrao-brasileiro/>, acessado em 4/mai./2019.



VINTÉM

“Vintém, palavra derivada de *vinteno*, através do fenômeno linguístico da contração. Vintena era a vigésima parte de algo. E nesse sentido foi usada para designar uma antiga moeda de valor de 20 réis, correspondente à vigésima parte do cruzado (moeda de ouro com valor de face de 400 réis). O vintém de cobre foi cunhado no Brasil de 1693 até aproximadamente 1832.”

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Vint%C3%A9m>,
acessado em 4/mai./2019.



PATACA

“No Brasil, pataca era uma moeda de prata de origem portuguesa. As patacas foram as moedas que por mais tempo circularam no país – 1695-1834. A série era composta por moedas de 20, 40, 80, 160, 320 e 640 réis. A série chegou a ser cunhada no Brasil até 1821, nas casas da moeda de Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Minas Gerais (...).”

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pataca#Pataca_do_Brasil,
acessado em 4/mai./2019.



A TRANSFERÊNCIA DA CORTE PORTUGUESA PARA O BRASIL

Em dezembro de 1807, saía de Portugal a frota que traria a corte portuguesa para o Brasil. A transferência da corte se deu no contexto das Guerras Napoleônicas. Em janeiro de 1808 a frota atracou em Salvador, onde D. João VI, então príncipe regente tomou a primeira medida oficial, promovendo a abertura dos portos às “nações amigas”.



Em março do mesmo ano, a frota chega ao Rio de Janeiro, onde permanecerá até 1821. Este momento histórico ficou conhecido como “Período Joanino” e foi decisivo para o desencadeamento do processo de independência do Brasil.

A permanência da corte no Rio de Janeiro trouxe grandes transformações estruturais para a cidade, principalmente a partir de 1816, com a chegada da “Missão Francesa” chefiada pelo pintor francês Jean Baptiste Debret.



BICENTENÁRIO DA VINDA DE D. LEOPOLDINA PARA O BRASIL

1807-2007

Guilherme Góes

Correios

CMB

Assis

12 SELOS



852012519



Brasil

200 ANOS DE INDEPENDÊNCIA

Bicentenário da vinda de D. Leopoldina

Relações Diplomáticas Brasil - Áustria



BICENTENÁRIO DA ACLAMAÇÃO DE D. JOÃO VI

1816 - 2016

Guilherme Campos

Correios

CMB

Mauro

12 SELOS



852012578



Brasil

200 ANOS DE INDEPENDÊNCIA

Bicentenário da Aclamação de D. João VI



A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

7 DE SETEMBRO DE 1822

“(…) ao receber das mãos de Paulo Emílio Bregaro, Oficial da Secretaria do Conselho Supremo Militar, correio da Princesa D. Leopoldina e do Ministro José Bonifácio de Andrade e Silva, que se fazia acompanhar do Major Antônio Ramos Cordeiro, passou-as a ele, seu confidente “para que as lesse em voz alta, o que ele imediatamente fez”.

Que ao ouvir a leitura dos importantes papeis tomou-se de grande indignação o jovem Príncipe e, tremendo de raiva, arrancou-os violentamente das suas mãos, amarrotou-os furiosamente e pisou-os debaixo dos pés, deixando-os abandonados sobre a relva, de onde ele os levou, guardando-os cuidadosamente.

Que, virando-se para ele, perguntou-lhe: “E agora, Padre Belchior?”, ao que ele retrucou prontamente, fazendo-lhe ver que não havia outro caminho senão a separação.”

(Relato do Padre Belchior Pinheiro de Oliveira, vigário de Pitangui, conselheiro e mentor espiritual de D. Pedro, dos momentos que antecederam à proclamação da independência do Brasil).

FONTE: GUIMARAES, Archimedes Pereira. E agora Padre Belchior.
Belo Horizonte: Imprensa Oficial, p. 54-55, 1972

